

MARIA DO CÉU FIALHO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

Coordenação

Génese e consolidação da ideia de Europa

Vol. I: de Homero ao fim da época clássica



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

MARIA DO CÉU FIALHO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
Coordenação

Génese e consolidação da ideia de Europa

Vol. I: de Homero ao fim da época clássica



Coordenação editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção gráfica
António Barros

Paginação
Victor Hugo Fernandes

Execução gráfica
SerSilito - Maia

ISBN
972-8704-57-7

Depósito Legal
234088/05

© Outubro 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O FINANCIAMENTO DE:

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

FCT **Fundação para a Ciência e a Tecnologia**
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA Portugal

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT: Fundação para a Ciência e Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior
Apoio do Programa Operacional para a Ciência, Tecnologia, Inovação
do III Quadro Comunitário de Apoio

EUROPEUS E ASIÁTICOS NUM TRATADO DE CLIMATOLOGIA MÉDICA

Maria Helena Rocha Pereira

(Universidade de Coimbra)

Entre os sessenta e dois tratados que constituem o chamado *Corpus Hippocraticum*, ocupa lugar de honra o que se denomina *Ares, Águas, Lugares*, obra fundadora da climatologia médica e da antropologia.

Juntamente com *A Doença Sagrada*, pertence ao número dos que, depois de muita discussão no séc. XX, tendem a ser de novo considerados obras autênticas do Mestre de Cós e datados pelos melhores especialistas da segunda metade do séc. V a. C. Jacques Jouanna, por exemplo, responsável pela melhor edição de *Ares, Águas, Lugares*, depois de uma longa e bem fundamentada análise das várias teorias, conclui: “Nada permite afirmar, como Pohlenz, que o tratado é de Hipócrates; mas tão-pouco coisa alguma permite dizer, à semelhança de Wilamowitz, que ele não seja de Hipócrates”⁽¹⁾. Por outro lado, a atitude racionalista — embora sem recusar a existência do divino — comum aos dois tratados em causa leva a atribuir-lhes a mesma origem.

Mas, para além da questão da autoria, outras dúvidas subsistem, quer quanto à data, quer quanto à unidade da composição. A primeira destas

⁽¹⁾ J. Jouanna, ed., *Hippocrate. Tome II, 2^e. Partie. Airs, Eaux, Lieux* (Paris, 1996) [daqui em diante citado pela sigla *AEL*], pp. 79-82. A frase referida é da p. 81. O mesmo helenista ocupou-se do nosso autor em vários outros livros ou artigos, de que destacamos *Hippocrate* (Paris, 1992) e “L’image de l’Europe chez Hérodote et Hippocrate: essai de comparaison”, in Michel Perrin, ed., *L’Idée de l’Europe au fil de deux millénaires* (Paris, 1994), pp. 21-38 [daqui em diante citado como “L’image de l’Europe”].

dúvidas é sobretudo do âmbito da cronologia relativa, porquanto é seu ponto de partida a semelhança com a descrição do povo cita, que aqui ocorre, e a que fez Heródoto (4. 110-7). As opiniões têm-se repartido entre os dois extremos: influência de Heródoto sobre o médico ou o contrário. A primeira destas posições é a de Pohlenz, a segunda a de Nestle⁽²⁾, e ambas continuam a ter seguidores. Em posição intermédia e, a nosso ver, correcta, situa-se Jouanna, que, depois de evidenciar as diferenças de tratamento do tema entre estes dois autores (identificação das mulheres saurómatas com as Amazonas, condições a que se submetiam para poderem casar, divisão da Terra em continentes, fronteiras orientais da Europa, situação dos Anarieus, além de divergências metodológicas e estilísticas, conclui pela existência de uma fonte comum⁽³⁾, visto os textos não dependerem um do outro.

Quanto à data, o mesmo Jouanna refere a proposta de Heinemann⁽⁴⁾, segundo a qual a obra hipocrática teria sido redigida pouco antes de 430 a. C., proposta essa que ele reforça com o argumento de que a visão do mundo do autor de *Ares, Águas, Lugares* é marcada pela experiência política das Guerras Médicas e nada deve à Guerra do Peloponeso, pelo que pertence mais à geração de um Heródoto de que à de um Tucídides; e que é, por conseguinte, na transição entre os dois grandes historiadores que deve situar-se⁽⁵⁾.

A discussão sobre a unidade de composição é talvez a mais fácil de resolver, não obstante as muitas objecções que têm sido apresentadas. No entanto, pode dizer-se que os melhores especialistas da actualidade, como H. Grensemann e J. Jouanna, demonstraram suficientemente a coerência metodológica e a unidade estilística da obra⁽⁶⁾. Que, no entanto,

⁽²⁾ Respectivamente em “Hippokratesstudien”, *Nachrichten von der Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen*, Phil.-Hist. Klasse I (1937), 67-81; e “Hippocratica”, *Hermes* 73 (1938), 1-38.

⁽³⁾ “L’image de l’Europe”, *passim* e *AEL*, pp. 59-60, 82.

⁽⁴⁾ *Nomos und Physis. Herkunft und Bedeutung einer Antithese im griechischen Denken des 5. Jahrhunderts* (Basel, 1945).

⁽⁵⁾ *AEL*, p. 82. Mais recentemente, Reinhold Bichler, *Herodots Welt* (Berlin, 2001), 17 e nota, volta a não considerar a obra autêntica e a supô-la posterior às *Histórias* de Heródoto.

⁽⁶⁾ Respectivamente, “Das 24. Kapitel von De aeribus, aquis, locis und die Einheit der Schrift”, *Hermes* 107 (1979), 423-41; e *AEL*, pp. 15-21. Note-se que, para além de muitos outros méritos, a edição de Jouanna tem o de ter identificado e utilizado, pela primeira vez, o Ms. *Parisinus Graecus* 2047 A, o qual veio demonstrar que as alterações propostas para o final da obra no artigo de Grensemann não se justificavam.

ela tem lacunas é um facto que dificilmente poderia negar-se, sobretudo em relação ao final do cap. 12, onde se lê que acerca de Egípcios e Líbios parece estar dito o suficiente, quando o assunto fora, nesse mesmo capítulo, a caracterização da parte de Ásia que, para nós, corresponde à Iónia. Esta lacuna já tinha sido, de resto, assinalada por Galeno.

Ora, o tratado apresenta-se como um manual que visa dar a melhor preparação ao médico que pretende exercer clínica numa cidade, o chamado médico itinerante, cuja existência na Antiguidade está bem documentada. Essa finalidade encontra-se explícita logo nos primeiros parágrafos do livro (1. 1-3):

Quem quiser alcançar um correcto domínio da arte da Medicina deve proceder do seguinte modo: primeiro que tudo, ponderar o efeito que pode produzir cada uma das estações do ano, porquanto elas em nada se assemelham umas às outras, mas diferem muito entre si, bem como as suas mudanças. Seguidamente, os ventos quentes e frios, acima de tudo os que são comuns a todos os povos, depois os que são peculiares a cada região. É preciso ponderar também as propriedades das águas; porque, tal como diferem no paladar e no peso, assim diferem muito os efeitos de cada uma. Por conseguinte, quando alguém chegar a uma cidade de que não tem experiência, é necessário que observe a sua situação, como está orientada em relação aos ventos e ao nascer do Sol. Efectivamente, não tem o mesmo valor estar voltado para o norte ou para o sul, nem estar virado para o nascente ou para o poente.

Os parágrafos seguintes mostram a necessidade de observar também a qualidade das águas que usam os habitantes, ou a do solo e a dieta que praticam, nomeadamente, se gostam de beber, se tomam uma refeição e se fazem exercício ou não (1. 4. 5), pois “é a partir destes dados que deve ponderar cada caso (...) quem chegar a uma cidade de que não tem experiência (...) de modo a não ter dificuldades nem cometer erros na terapêutica das doenças (2. 1 *passim*).

Terminada a introdução em 2. 3, segue-se o desenvolvimento das matérias enunciadas até ao final do cap. 11, a partir do qual, com base nestes princípios, começa a exemplificação que nos interessa analisar. Consiste ela numa comparação entre os povos da Ásia e da Europa (12-24), trecho célebre em que, conforme escreveu Jouanna, “a Medicina desagua na Etnografia”⁽⁷⁾.

⁽⁷⁾ *AEL*, p. 14.

Temos assim uma sequência de capítulos que ocupa um pouco mais de metade da obra, na qual, pela primeira vez, que se saiba, se estabelece uma distinção entre os povos da Europa e os da Ásia, distinção essa que o autor declara, logo de entrada, não ser exaustiva, mas limitada ao principal (12. 1):

Quero agora dissertar sobre a Ásia e a Europa, dizendo até que ponto diferem, em tudo, uma da outra, quer em relação à morfologia dos povos, quer ao modo como se apartam e como em nada se assemelham uns aos outros. É certo que, para falar de todos, seria preciso um longo tratado, mas vou ocupar-me do que me parece ser o mais importante e das diferenças maiores.

Para melhor compreender a exposição aqui anunciada, é necessário contextualizar a obra, tendo bem presente que, entre os séculos sexto e quinto a. C., se defrontavam duas teorias acerca da divisão da Terra: a que supunha a existência de dois continentes e a de três. A questão já foi analisada em parte no ensaio inicial deste volume, e em parte no que será consagrado a Heródoto, pelo que nos limitaremos a constatar que tudo indica que Hipócrates segue a primeira destas teorias.

Outro facto a ter presente, e que com este se relaciona, é a imprecisão existente, na época em apreço — e que se manteve até muito tarde — quanto aos limites dos dois continentes. Assim, *Ares, Águas, Lugares*, afirma (13. 1) que o Paúl Meótis (hoje, Mar de Azov) é a fronteira entre a Europa e a Ásia. Tal localização levaria a supor que ela era demarcada pelo rio Tánais (hoje, o Don), que aí desagua, o que coincidiria com a opinião que, séculos depois, prevalecerá em Estrabão (2. 5. 26). Mas, por outro lado, ao descrever os habitantes da região do rio Fásis (hoje, o Rion), inclui esses povos na Ásia. Heródoto, por sua vez, situava nesse rio os limites, embora mencione a outra teoria (4. 45). Finalmente, é indispensável sublinhar que, não obstante terem-se realizado viagens de exploração ao longo da costa (périplos), de que o mais antigo exemplo seria a que Cílix de Carianda, efectuou, por ordem de Dario, até ao Indo, nada mais se conhecia dessa região⁽⁸⁾.

Voltando ao tratado hipocrático, notar-se-á que os exemplos escolhidos para um e outro continente são apresentados como casos singulares, e é precisamente ao descrevê-los e interpretá-los em função do ambiente que o autor lança, como se tem dito, os fundamentos da etnologia e da climatologia médica.

⁽⁸⁾ Heródoto 4. 40. 2. O historiador refere o périplo de Cílix em 4. 44. 1-3.

Principia pela Ásia (12-16), onde, em seu entender, tudo é mais belo, maior e mais doce (12. 2), embora deva reconhecer-se que a situação não é uniforme em todo o continente, pois só se verifica na parte que fica equidistante do calor e do frio (12. 4) – explicação essa à qual voltará mais adiante. Pelo andamento da exposição, fácil será reconhecer que todas aquelas qualidades se reportam a uma parte muito delimitada da Ásia, a chamada península da Ásia Menor⁽⁹⁾. É aí que as plantas crescem mais, o gado é mais fértil, e os homens dotados de um corpo mais belo e mais forte (12. 5); em contrapartida, falta-lhes a coragem, a persistência, o ardor (12. 6).

É só no cap. 14 que se afirma que um desses povos apresenta grandes diferenças ou de natureza ou de costumes (ἢ φύσει ἢ νόμῳ), delineando assim, pela primeira vez, que se saiba, uma antítese que os grandes Sofistas, designadamente Antifonte, hão-de tornar célebre. A antítese, que aqui é utilizada para ajudar a explicar a influência dos costumes dos povos na sua compleição física, vai atingir uma das suas mais célebres aplicações no discurso de Cálicles, no *Górgias* de Platão (482c-483c), depois de ter deixado os seus ecos em diversas tragédias gregas⁽¹⁰⁾.

O primeiro exemplo escolhido é o povo dos Macrocéfalos, que tiravam o seu nome da forma alongada do crânio, resultante da deformação a que as crianças eram submetidas logo após o nascimento, por uma razão, aliás, de ordem social: é que essas seriam as mais nobres (γενναϊοτάτους, 14. 2). Com o tempo, essa malformação tornara-se natural, ou seja, estaríamos perante um fenómeno de transmissão hereditária de anomalias. O autor médico, sempre atento à necessidade de encontrar uma explicação científica dos fenómenos, esboça aqui a chamada teoria pangenética⁽¹¹⁾, segundo a qual “o esperma provém de todas as partes do corpo, sendo saudável das que são saudáveis, doentes das que são doentes” (14. 4), pelo que, uma vez adquirida

⁽⁹⁾ Sobre o assunto, veja-se Jouanna, *AEL*, 296, que mostra como esta localização condiz com a de Heródoto 1. 142, embora tal não signifique que se limita apenas à Iónia. O mesmo helenista rebate, com razão, outras teses que sobre o mesmo tema têm sido apresentadas. Acrescentaremos, pela nossa parte, que Estrabão reconhece que chamavam por vezes Ásia à península da Ásia Menor, onde ficavam a Iónia e a Cária, ou seja, que lhe davam o mesmo nome que se atribuía a todo o continente (2. 5. 24).

⁽¹⁰⁾ Os principais estudos sobre esta antinomia são o livro de Heinemann (supra, nota 4) e o artigo de Pohlenz com o mesmo título, *Hermes* 81 (1953), 418-438. Veja-se ainda, entre muita outra bibliografia, o comentário de E. R. Dodds à sua edição do *Górgias* (Oxford, 1959), pp. 263-4; J. De Romilly, *La Loi dans la Pensée Grecque* (Paris, 1971), 52-71; J. Jouanna, *AEL*, 64-7.

⁽¹¹⁾ Sobre o assunto, *vide* Jouanna, *AEL* 306-7.

aquela patologia, “o *nomos* passava a *physis*” nos filhos dos macrocéfalos⁽¹²⁾. Na actualidade, porém, acrescenta o autor, essa característica encontra-se em recessão, devido à tendência para o abandono daquela prática.

Se esta explicação — conquanto não aceitável para a medicina actual — mostra uma preocupação racionalista que a tornou um dos fundamentos da identificação do autor do tratado com o da *Epilepsia*, que já referimos, o exemplo seguinte é um dos mais brilhantes quanto ao estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre o *ethnos* e o meio ambiente.

Trata-se agora de uma aldeia lacustre, cuja descrição, conforme observa Jouanna⁽¹³⁾, não tem paralelo nem em Heródoto nem em Estrabão. Habitações de madeira e canais construídos nos pântanos, canais esses numerosos, por onde deslizam embarcações feitas de troncos de árvore, calor húmido, em pântano onde cresce uma vegetação densa, chuvas frequentes e nevoeiro espesso, frutos pequenos e mal sazoados, águas pútridas — todas estas condições determinam, nos habitantes daquela zona nórdica, nas margens do rio Fásis, que, para outros autores antigos, ficava na fronteira da Europa e da Ásia características físicas especiais, que os distinguiam de todos os outros homens. São elas: estatura elevada, largura do corpo, ausência de visibilidade das articulações, tez amarelada, como se sofressem de hidropisia, voz grave, devido à humidade reinante. A tais características somáticas juntam-se as psíquicas, que ocupam todo o capítulo 15, e incluem a falta de coragem destes homens, incapazes de guerrear como os Europeus, e a maior brandura de costumes. A explicação para estes factos, encontra-a o autor na uniformidade do clima, que é adverso a grandes reacções. Outra razão — e esta, de ordem política, no sentido etimológico do termo — reside na forma de governo: é que a maior parte da Ásia vive em regime de monarquia, de onde resulta que os guerreiros não vão combater em defesa e proveito próprio, nem para obedecer às suas leis, mas apenas para benefício de quem os rege. Prova disso, continua o autor, é que, mesmo na Ásia, sejam helenos ou bárbaros, desde que não estejam submetidos a um déspota, se comportam com a maior valentia⁽¹⁴⁾.

⁽¹²⁾ A formulação é de M. Ostwald, *Nomos and the Beginnings of the Athenian Democracy* (Oxford, 1969), n.º 35.

⁽¹³⁾ *AEL* 308. O mesmo helenista menciona um passo de Heródoto (5. 16), relativo ao Lago Práxis, onde se faz referência a uma outra aldeia lacustre.

⁽¹⁴⁾ É curioso observar como aqui a dicotomia Gregos/Bárbaros se dilui por completo num espaço geográfico que é manifestamente o da Ásia Menor, em proveito de uma uniformidade de comportamento que decorre da semelhança da organização política.

“E, em relação aos habitantes da Ásia, é assim que as coisas se passam” (16. 5). Com esta frase se estabelece, metodicamente, a transição para a parte relativa à Europa, a qual vai preencher, numa organização semelhante, todo o resto do tratado.

Também aqui se escolhem dois exemplos, como merecedores de uma atenção especial. Não se trata, como no livro 4 de Heródoto, de dois povos diferentes (os Citas, de 48 a 82, e os Saurómatas, de 110 a 117), mas de dois ramos distintos dos Citas⁽¹⁵⁾. É assim, efectivamente, que começa o capítulo 17:

Na Europa há um povo Cita que habita na proximidade do Paúl Meótis, o qual se distingue dos demais povos. Chamam-se eles Saurómatas.

O grande traço distintivo deste povo reside no comportamento das mulheres, que montam a cavalo, manejam o arco e o dardo e combatem contra os inimigos, enquanto são virgens. Só podem contrair matrimónio depois de matarem três inimigos; nessa altura, deixam de montar a cavalo, a menos que tenham necessidade de tomar parte numa grande expedição (17. 2). No parágrafo seguinte, faz-se referência à particularidade de estarem privadas do seio direito, em resultado da cauterização que, em crianças, lhes faziam as próprias mães, a fim de evitar que ele nascesse e de, desse modo, obter uma maior concentração de força no ombro e no braço do mesmo lado⁽¹⁶⁾.

Temos, pois, uma mutilação física — que, aliás, as inúmeras representações destas mulheres nas artes plásticas desconhecem — e um exemplo do motivo do conto popular da mulher que vai à guerra⁽¹⁷⁾. O nome por que ficaram conhecidas estas mulheres, o de Amazonas, que já se encontrava no Ciclo Épico e que Heródoto descreve demoradamente, não figura, porém,

⁽¹⁵⁾ O essencial sobre os Citas em Heródoto encontrar-se-á no ensaio a seguir a este. Veja-se também Maria de Fátima Silva, introdução a *Heródoto. Histórias. Livro 4.* ° (Lisboa 2000), 15-24.

⁽¹⁶⁾ Embora não aceitável para a Medicina moderna, esta tentativa de explicação é superior às que apresentam autores tardios, como Diodoro Sículo 2. 45. 3 e 3. 53. 3 e Estrabão 11. 5. 1. Para mais pormenores, vide Jouanna, *AEL*, 321-2.

⁽¹⁷⁾ Sobre as representações artísticas destas figuras, existe uma excelente monografia por Dietrich von Bothmer, *Amazons in Greek Art* (Oxford, 1957). Tratámos destas figuras no artigo “As Amazonas: destino de um mito singular”, *Oceanos* 42 (Abril/Junho 2000), 162-170. Nos últimos decénios, a arqueologia tem confirmado a presença, em sepulturas entre o Mar Negro e o Mar

neste tratado. Mas a principal diferença a reter é que o seu autor procura uma justificação fisiológica (embora errada) para explicar aquela estranha prática.

Segue-se, até ao capítulo 23, a descrição dos restantes Citas, que são caracterizados como povo que em nada se parece com os outros (18. 1). Estes são nómadas, “por não terem casas, mas se transportarem em carros” (18. 2). A sequência do capítulo torna claro que é nesses carros que as mulheres vivem, ao passo que os homens se deslocam a cavalo, e com eles segue o gado que possuem. É precisamente a necessidade de dar pastagens a esses animais que os força à vida errante. O autor não se esquece de referir ainda o género de alimentação desses homens.

À relação das características dos Citas com o meio físico são consagrados os cinco capítulos seguintes (19-23). A localização setentrional (“mesmo por baixo das Ursas e dos Montes Ripeus, de onde sopra o Bóreas”), nevoeiro espesso, frio permanente, que não deixa crescer os animais e torna os homens inactivos, é também responsável pelo físico destes últimos. Por isso, são atarracados, bem servidos de carnes e as suas articulações não são visíveis. São de tez ruiva, devido à ausência do sol e aos efeitos do frio; a humidade das suas cavidades inferiores, resultante da ausência das mutações climáticas das estações, leva-os a cauterizar várias partes do corpo (ombros, braços, pulsos, peito e costas), a fim de poderem ter energia para manejar o arco e o dardo. Destas características, continua o autor, decorrem a escassa fecundidade, derivada da humidade e moleza, e ainda dos excessos na prática da equitação; da parte das mulheres, da incapacidade de reter o esperma, devido também ao excesso de humidade, à irregularidade da menstruação, à adiposidade, e à ausência de exercício físico. O próprio autor fornece, de seguida, a contraprova desta etiologia: é que as servas concebem com grande facilidade, devido à vida activa que levam, e à magreza de carnes que ela determina. Mais uma vez, procura-se uma explicação racional, embora não aceitável para a ciência de hoje.

Cáspio, de mulheres com armas e sinais de ferimentos. Esses túmulos têm sido encontrados, quer entre os Citas, quer, sobretudo, entre os Saurómatas. Sobre o assunto veja-se o comentário de Aldo Corcella, *Erodoto. Le Storie*, 4 (Milano, 1993), 319-20, com bibliografia (a que há que retirar a respeitante a possíveis resíduos de matriarcado, regime cuja existência está hoje desacreditada). Das diferenças entre as duas descrições e seu provável significado falámos já no princípio deste capítulo.

Se até aqui já tínhamos uma descrição reveladora dos interesses do clínico, o capítulo 22 vem ainda reforçá-la com uma etiologia que o ocupa por completo. Mas para além do seu interesse para a história da Medicina, e para a etnologia — e são numerosos os estudos que sobre o assunto se têm publicado — é um dos trechos em que melhor se revela o racionalismo do autor. Ao começar a referir a existência dos chamados Anarieus, homens semelhantes a eunucos que se dedicam a trabalhos femininos e adquirem voz de mulher, comenta (22. 2-3)⁽¹⁸⁾:

Os indígenas atribuem a causa disto à divindade e veneram os homens desta espécie e prostram-se diante deles, com medo que lhes aconteça o mesmo. Quanto a mim, parece-me também que estas patologias são divinas, como todas as outras, e que nenhuma é mais divina ou mais humana do que as outras, mas são todas semelhantes e todas divinas. Cada uma delas depende da natureza, e nada ocorre sem a natureza.

O capítulo 23 é dedicado aos restantes povos (τὸ λοιπὸν γένος) da Europa, mais uma vez considerados na sua relação com a variedade de climas e seus efeitos sobre a geração. Daí resultam as diferenças na altura e no modo de ser. É neste ponto que se insere uma nova reflexão sobre a interdependência da ética e da política, na qual retoma, como o próprio autor declara, afirmações que constavam de 15. 3-5, ou seja, a diferença de comportamento em combate dos que são autónomos (αὐτόνομοι) e dos que vivem sob o despotismo. O vocabulário dos dois passos é muito semelhante, como já tem sido notado, e a palavra-chave (νόμοι) aparece duas vezes neste último, uma para definir um comportamento geral e outra para os casos particulares de alguns Asiáticos poderem ser, por natureza, corajosos e valentes, mas o seu espírito ser desviado desse modo de actuar devido às leis (que aqui correspondem à diferença de organização política). A afirmação

⁽¹⁸⁾ Para além da extensa bibliografia citada em Jouanna *AEL*, 335-336, é curioso notar que as características aqui apontadas aos Anarieus têm paralelo noutras sociedades e noutras lugares, e se enquadram no que hoje a antropologia designa por “transgender”, para “distinguir papéis socialmente construídos e representações culturais do sexo biológico”, segundo a definição de Will Roscoe, “How to Become a Berdache: Toward a Unified Analysis of Gender Diversity”, in Gilbert Herdt, ed., *Third Sex, Third Gender* (New York, 1996) 329-72 (a citação é da p. 341). O estudo em questão tem como ponto de partida a descrição, feita pelo viajante espanhol Francisco Coreal, de um povo da Florida por ele encontrado em 1669. (Agradeço o conhecimento desta obra ao Doutor Júlio Machado Vaz, professor de Antropologia Médica no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto).

do capítulo 23, essa, não deixa dúvidas, ao acrescentar, às razões de ordem climática e ética, que é também devido às leis que os Europeus são mais belicosos, porquanto não são dominados por um rei, como os Asiáticos⁽¹⁹⁾. E, quase a concluir o mesmo capítulo, ainda reencarece (23. 4):

Assim é que as leis têm não pequena parte na formação da valentia.

Tal como tinha sido feito em relação aos Asiáticos (16. 5), também no último capítulo do livro se reconhece que há variedade de nações e povos na Europa, quanto à altura, morfologia e coragem; propõe-se, no entanto, tratar o assunto de forma ainda mais clara (24. 1). Quanto às diferenças, mais uma vez relacionadas com a configuração do terreno e as variações climáticas e qualidade das águas, não esquecem sequer a cor dos cabelos e da tez (24. 3 e 6) nem — caso ainda mais curioso — a sua inferioridade no tocante à finura de espírito e habilidade técnica nuns (24. 8) e à maior inteligência noutros (24. 9)⁽²⁰⁾.

A última frase do livro (24. 10) é uma alusão á finalidade propedêutica da obra, em perfeita consonância com o que fora anunciado no princípio.

Temos, assim, um pequeno tratado de inestimável valor na história da ciência — quer pelos exemplos de racionalismo já apontados atrás no domínio da patologia, quer no âmbito do saber físico, baseado na observação e na experiência, que se revela no trecho sobre a formação da chuva e sobre a perda de volume da água, quando congelada (8) — e, ao mesmo tempo, um apreciável contributo para o conhecimento da formação da ideia de Europa e de Europeus, aqui vistos em contraste com os seus vizinhos Asiáticos⁽²¹⁾.

⁽¹⁹⁾ M. Ostwald (supra, nota 12), 27, cita os passos em conjunto, sem estabelecer diferenças semânticas entre eles. Esse livro consagra todo o capítulo 2 à análise das numerosas ocorrências e sentidos da palavra *nomos* e encontra a sua primeira aplicação no âmbito político em Ésquilo, *As Suplicantes* 382-91. O mesmo especialista estuda, no capítulo anterior, o sentido de *thesmoi*, nome por que Sólon designava as suas próprias leis, ao passo que *nomoi* como “legislação escrita” só se fixa nos oradores áticos do século quarto a. C. Sobre o assunto, veja-se também Delfim Leão, *Sólon. Ética e Política* (Lisboa, 2001).

⁽²⁰⁾ Esta oposição será retomada e modificada, dentro de um novo esquema, em Aristóteles, *Política* 7. 7. 1327b. Vide Jouanna, *Hippocrate*, 327-9; idem, *AEL*, 249, nota 2; J. Aubonnet, ed., *Aristote. Politique*, 3. 1 (Paris, 1986), 173-4.

⁽²¹⁾ Jouanna, “L’image de l’Europe”, 36-37, entende que é aqui que, pela primeira vez, “se assiste ao nascimento, se não da Europa, pelos menos dos Europeus”, uma vez que a única ocorrência do termo em Heródoto (7. 73) é como simples adjectivo, para designar um povo (os Brigos) que inicialmente habitava na Europa e depois se estabeleceu na Ásia. Em nosso entender, o contexto em que essa denominação se situa, de molde a delimitar claramente a pertença a dois continentes opostos, definidos a partir das suas fronteiras, não favorece tal interpretação (vide supra, no primeiro ensaio deste volume, p. 11).

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2005

